

A CONTRIBUIÇÃO DAS FIGURAS RETÓRICAS PARA A FORMAÇÃO LINGÜÍSTICA DOS ESTUDANTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Jéssica Florentino Soares da Silva¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica e análise das principais figuras da retórica, também conhecidas como figuras de linguagem, comumente abordadas nas aulas de Língua Portuguesa. Esses recursos são fundamentais na construção de discursos persuasivos, aprimorando tanto a argumentação quanto a expressividade dos textos. As figuras da retórica funcionam como ferramentas que tornam a comunicação mais envolvente e impactante, sendo apresentadas em categorias como figuras de pensamento, som e construção. Exemplos como metáforas, hipérboles, anáforas e antíteses são utilizados para destacar, comparar, ironizar ou criar uma conexão mais profunda com o público, presente em diferentes gêneros textuais do nosso cotidiano. Nesse sentido, este estudo contrasta a visão clássica de Aristóteles, que via as figuras retóricas principalmente como recursos estilísticos, com a perspectiva da Nova Retórica de Perelman, que as reconhece como elementos essenciais na construção de uma argumentação sólida. Por fim, o artigo examina alguns exemplos apresentados no livro didático *Bernoulli* voltado para os anos finais do Ensino Fundamental, ressaltando a importância de ensinar essas estratégias retóricas para o desenvolvimento dos estudantes. A compreensão desses recursos contribui para aprimorar a capacidade argumentativa e o senso crítico dos alunos, além de promover uma leitura e produção textual mais refinada. Esse aprendizado está diretamente alinhado às competências já previstas descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a importância dessas habilidades para a formação integral dos estudantes.

Palavras-chave: Retórica, Nova retórica, Figuras de linguagem, Ensino de Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

As figuras retóricas desempenham um papel fundamental no ensino da Língua Portuguesa, especialmente nos currículos propostos para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. No entanto, sua abordagem metodológica muitas vezes se mostra inadequada, e os materiais didáticos disponíveis nem sempre ilustram de maneira suficiente a importância desses recursos linguísticos. Essa limitação compromete tanto a leitura e a escrita quanto a criação e a interpretação de textos literários, elementos essenciais para o desenvolvimento integral da competência linguística desses estudantes.

¹ Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL - UFPB, 2024), com ênfase em Estudos Literários, e graduada em Letras – Português e Inglês pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UAG/UFAPE, 2020). Professora de Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental da rede privada de Garanhuns/PE. Atualmente, pós-graduanda em Linguagem e Práticas Sociais pelo IFPE. E-mail: ultimopar@gmail.com.

Desde a Grécia Antiga, a retórica tem sido ensinada de forma tradicional, perpetuando a ideia errônea de que as figuras de linguagem são meros adornos textuais. Esse enfoque desconsidera sua real relevância, reduzindo o aprendizado a uma memorização mecânica de termos gramaticais, sem proporcionar aos estudantes a oportunidade de compreender e aplicar esses conceitos em contextos que fazem parte de sua vivência. Dessa forma, o ensino das figuras retóricas carece de estratégias que favoreçam a sua aplicabilidade prática, tornando essencial a reformulação de sua abordagem pedagógica.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo, além de traçar um panorama bibliográfico sobre a relevância das figuras retóricas no ensino da Língua Portuguesa, estabelecer uma comparação entre a retórica clássica que enxerga as figuras retóricas como parte da estilística e com o propósito de embelezar o texto e a nova retórica que percebe essas figuras como instrumentos cruciais para o processo de argumentação. Acreditamos que esta última oferece uma abordagem mais adequada para despertar o interesse dos alunos e ampliar sua percepção sobre as múltiplas possibilidades expressivas que as figuras de linguagem proporcionam.

Como objeto da nossa análise, escolhemos o livro didático *Bernoulli*² utilizado na escola privada onde a autora desta pesquisa leciona, localizada na cidade de Garanhuns, no Agreste Meridional de Pernambuco. A instituição é reconhecida pela qualidade do ensino e pelo uso de materiais pedagógicos de excelência em diversas disciplinas, incluindo a Língua Portuguesa. O estudo comparará a abordagem das figuras retóricas no livro didático *Bernoulli* adotado nas turmas do 8º ano em 2024. A partir dessa análise, serão discutidos os acertos e limitações do material, fundamentando-se em autores renomados e na experiência pedagógica da pesquisadora ao longo de sua prática docente.

Por fim, este estudo pretende contribuir para o olhar crítico de professores e pesquisadores da área, promovendo reflexões sobre a avaliação de materiais didáticos e propondo práticas pedagógicas eficazes no ensino das figuras retóricas. O objetivo é garantir que esses recursos cumpram, de fato, um papel formativo no desenvolvimento das competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), indo além da mera memorização de regras descontextualizadas e aproximando os estudantes de uma aprendizagem significativa e aplicada à sua realidade.

² Disponível em <https://www.bernoulli.com.br/sistema-de-ensino/>.

METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO - A EVOLUÇÃO DA RETÓRICA COMPARAÇÃO ENTRE A TEORIA CLÁSSICA E A NOVA RETÓRICA

Desenvolvida pelo filósofo Aristóteles, a retórica é extremamente reconhecida desde a Grécia Antiga como a arte do discurso, e sua origem está profundamente enraizada nos princípios da lógica. Em sua obra *Retórica*, Aristóteles apresenta esse campo de estudo estruturado por três componentes essenciais: 1. *Ethos*; 2. *Pathos* e 3. *Logos*. Cada um desses elementos representa uma forma distinta de persuasão, que pode se manifestar por meio da moralidade e substituição do orador (*ethos*), pela evocação das emoções do público (*pathos*), ou ainda pela razão e argumentos lógicos (*logos*).

Como Aristóteles destaca, "não importa quais as formas escolhidas: se o orador persuadir a audiência através da moralidade, das emoções ou da razão, ele utiliza os recursos necessários para alcançar a persuasão (2005)." Dessa maneira, os três componentes formam uma tríade de persuasão, constituindo os fundamentos essenciais sobre os quais se erguem como estratégias retóricas, permitindo que o orador influencie uma audiência de maneira eficaz e impactante. Nesse sentido, a retórica busca além de convencer o interlocutor, argumentar de maneira sólida e consistente, ajudando na compreensão de discursos complexos e facilitando a expressão clara e eficaz das ideias.

É importante ressaltar que cada um desses conceitos representa uma abordagem única para a construção de um discurso convincente. A habilidade de elaborar bons argumentos está diretamente vinculada ao uso adequado e integral das figuras retóricas, as quais desempenham um papel essencial na eficácia da comunicação e da interpretação textual. Para Perelman, essas figuras de linguagem não apenas enriquecem o discurso, mas são instrumentos cruciais para o processo argumentativo, sem o uso desses recursos, a construção de um discurso realmente eficaz seria, segundo o autor, praticamente impossível.

Embora Aristóteles e Perelman compartilhem visões complementares, os dois autores possuem perspectivas um tanto distintas sobre as figuras retóricas. Para Aristóteles, embora as figuras retóricas desempenhem um papel importante no discurso, elas têm um caráter persuasivo que pode ser considerado superficial. Frequentemente, elas são interpretadas equivocadamente como meros adornos da linguagem, especialmente em textos de caráter literário. Aristóteles, inclusive, alerta para o uso excessivo dessas figuras, que pode prejudicar tanto a clareza do texto quanto a recepção da audiência. Por outro lado, Perelman, em seu livro

“Nova Retórica”, amplia o estudo dessa disciplina, colocando as figuras retóricas no centro do processo argumentativo, destacando sua relevância não apenas em textos literários, mas também em discursos sociais, políticos e acadêmicos, que fazem parte do nosso cotidiano.

Outra divergência significativa entre a retórica clássica e a contemporânea diz respeito ao conceito de critério de verdade dos argumentos. Para Aristóteles, os argumentos devem ser baseados em uma lógica sólida, ou seja, precisam ser comprovados e fundamentados em fatos. Já Perelman adota uma visão diferente: ele considera que os argumentos não precisam ser necessariamente verdadeiros ou comprovados, mas sim aceitáveis para o público, que deve se convencer daquilo que está sendo apresentado.

Isso ocorre porque, na concepção aristotélica, a audiência é vista como receptora passiva da mensagem, enquanto, na Nova Retórica, a audiência tem um papel ativo e crucial para que o processo argumentativo seja eficaz. Enquanto a retórica aristotélica fundamenta a "verdade" dos argumentos na demonstração de fatos, a Nova Retórica de Perelman, conforme apontam Oliveira e Souza (2013, p. 37), “trabalha com o raciocínio dialético, mas reconhece que não se argumenta diante da evidência, mas do verossímil/provável/plausível, fora das certezas”. Em outras palavras, na Nova Retórica basta a acessibilidade do público como um indicador de sucesso do discurso. No quadro seguinte estão algumas das principais diferenças entre as duas retóricas propostas pelos autores:

Quadro 1: Retórica Clássica vs. Nova Retórica

Aspecto	Retórica Clássica (Aristóteles)	Nova Retórica (Perelman E Olbrechts-Tyteca)
Objetivo	Persuasão baseada na lógica e no ethos, pathos e logos.	Construção do discurso argumentativo considerando o auditório e a adesão ao argumento.
Natureza das Figuras Retóricas	Estilísticas, embelezamento do discurso.	Instrumentos argumentativos fundamentais.
Papel do Auditório	Papel passivo, receptor da mensagem.	Papel ativo, interlocutor essencial na construção do argumento.
Critério de Verdade	Baseada na lógica formal e na demonstração.	Baseada na plausibilidade e aceitação pelos interlocutores.
Aplicação	Política, jurídica e filosófica.	Ampla aplicação em discursos sociais, jurídicos e acadêmicos.

Fonte: Adaptado pela autora por meio do material de estudo disponibilizado (2025)

Por fim, Perelman adiciona à sua teoria uma reflexão importante sobre a linha tênue existente entre o ato de convencer e persuadir. Segundo o autor, convencer está relacionado ao entendimento da mensagem pelo público, ou seja, é necessário que a audiência compreenda a informação transmitida. Já persuadir vai além disso, pois envolve induzir o público a uma mudança, incentivando-o a agir de acordo com a mensagem apresentada.

O autor destaca ainda que esse processo de argumentação e persuasão varia, pois a audiência é influenciada por uma gama de experiências individuais e coletivas, incluindo fatores sociais, históricos, geográficos, políticos e culturais. Essa flexibilidade se torna ainda mais relevante para ser apresentada no contexto educacional, onde os estudantes estão em constante desenvolvimento de suas próprias ideias e formas de expressão.

Ao ensinar figuras retóricas, os professores ajudam os alunos a compreenderem como os discursos podem ser estruturados de maneira persuasiva, não apenas para convencer, mas também para engajar e motivar ações. Nesse sentido, Perelman alerta que, na retórica, o objetivo não é apenas deliberar opiniões (como seria na lógica aristotélica), mas "produzir ou aumentar a adesão de um determinado auditório a certas teses, sendo que seu ponto inicial será a adesão desse auditório a outras teses" (Perelman, 1998, p. 70). Em uma sala de aula, isso se reflete na habilidade dos alunos em se engajar em discussões, aprender a argumentar com base em diferentes pontos de vista e perceber a flexibilidade dos argumentos, dependendo do público.

Enquanto a retórica aristotélica foca em argumentos "certos" que devem ser naturalmente aceitos, a retórica perelmaniana ensina aos estudantes que a persuasão depende do contexto, da audiência e das transformações que os argumentos podem sofrer ao serem apresentados.

Para Perelman, a retórica "não se propõe a ser absoluta, mas razoável para determinada sociedade, época, comunidade e grupo de indivíduos", como destaca Oliveira e Souza (2013, p. 43). Esse entendimento permite aos estudantes perceberem que o que pode ser persuasivo em um contexto nem sempre será eficaz em outro, estimulando o desenvolvimento de uma capacidade crítica e reflexiva desde o Ensino Fundamental. Por isso a importância de preparar materiais pedagógicos e atividades didáticas que realmente lapidem essas competências, de modo que esses alunos aprendam não apenas estratégias para manter argumentos articulados, mas também adaptem suas ideias a diferentes situações comunicativas, habilidades que são essenciais para a vida cotidiana, conforme preconiza a BNCC.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - LIMITAÇÕES E POTENCIALIDADES DA ABORDAGEM RETÓRICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Todo professor sonha em contar com um material didático que possa servir de fato como uma base estruturante para o planejamento de suas aulas, especialmente no ensino de Língua Portuguesa, disciplina que abrange um extenso currículo e apresenta desafios gramaticais e linguísticos significativos para os estudantes. Diante disso, esta pesquisa se propõe a analisar até que ponto o livro didático cumpre seu papel na formação dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades argumentativas e retóricas.

Para isso, foram selecionados os volumes 1 e 3 da coleção do Ensino Fundamental do Sistema de Ensino Bernoulli utilizados na escola onde a pesquisadora leciona. A instituição, de caráter privado, atende desde a educação infantil até o ensino médio e é amplamente reconhecida pela qualidade de seu ensino e pelo uso de materiais pedagógicos que buscam excelência em diversas áreas do conhecimento. Além disso, a proposta pedagógica do colégio é um diferencial para a pesquisa, pois fundamenta-se no sociointeracionismo, abordagem baseada nas teorias de Vygotsky, que enfatiza a aprendizagem como um processo coletivo e dialógico. Nessa perspectiva, o ensino ocorre por meio da troca de ideias, debates e situações contextualizadas, permitindo que os estudantes participem ativamente da construção do conhecimento.

A análise concentrou-se na abordagem das figuras retóricas no material didático utilizado nas turmas do 8º ano em 2024, buscando verificar se sua estruturação está alinhada à proposta metodológica da escola. Mais do que apenas identificar acertos e limitações, esta investigação propõe uma reflexão sobre os materiais que são utilizados em nossa rotina pedagógica e o quanto estes recursos podem contribuir ou dificultar os objetivos do ensino e aprendizagem. Além disso, sugerimos alguns pontos de reformulação e atividades complementares que possibilitem um ensino da retórica mais significativo e alinhado às práticas pedagógicas desejáveis, especialmente em uma fase tão elementar quanto os anos finais do Ensino Fundamental.

Para a análise, foram selecionados dois capítulos de volumes distintos (1 e 3) do livro didático. No volume 1, o capítulo 3, intitulado "Poesia e Poema", apresenta as figuras retóricas sob a denominação de "Figuras de Linguagem I". Três aspectos chamam atenção nessa

abordagem: (1) a divisão das figuras em dois grupos distintos (Figuras I e II), sem uma justificativa clara para essa separação; (2) a introdução das figuras logo após o estudo do gênero poema, o que pode restringir sua compreensão apenas ao contexto literário; e (3) a definição das figuras como “recursos expressivos usados para dar mais beleza, ênfase ou significado ao texto”, o que reforça uma visão reducionista dessas ferramentas, tratando-as como meros adornos textuais, sem explorar seu caráter argumentativo.

A sequência didática do capítulo segue um padrão tradicional: após essa definição superficial, o livro lista figuras como personificação (ou prosopopeia), comparação, metáfora, aliteração, assonância, onomatopeia, paronomásia, hipérbole e eufemismo. Cada uma delas é apresentada com uma breve explicação seguida de exemplos, que, em sua maioria, são extraídos de textos literários clássicos, predominantemente poemas – possivelmente devido ao tema do capítulo. Além disso, algumas tirinhas são incluídas, mas sem aprofundamento na aplicabilidade das figuras em outros gêneros discursivos. A utilização de exemplos literários clássicos e tirinhas pode ser válida, mas, sem uma conexão mais direta com a experiência cotidiana dos alunos, fica difícil para eles perceberem a aplicabilidade dessas figuras no seu próprio contexto, seja na escrita, seja na fala.

Outro ponto relevante é a limitação metodológica no tratamento do conteúdo. O capítulo destina apenas sete páginas ao estudo dessas figuras, encerrando-se com uma extensa lista de exercícios que seguem uma abordagem tradicional, com foco na identificação e classificação, sem promover atividades interativas que envolvam oralidade, debate ou práticas que estimulem a construção coletiva do conhecimento. A falta de atividades interativas e de estímulo à oralidade, como debates ou discussões, pode tornar o ensino de figuras de linguagem monótono e pouco engajador, o que contrasta com a proposta metodológica sociointeracionista adotada pela escola, que enfatiza a interação e o uso das linguagens em situações comunicativas reais. Além disso, a sequência do conteúdo, ao pular de figuras de linguagem para um conteúdo mais gramatical, pode não estabelecer uma conexão fluida entre os diferentes aspectos da linguagem. Uma abordagem mais integrada e que privilegiasse a prática argumentativa, por exemplo, poderia permitir que os alunos vissem as figuras de linguagem não apenas como recursos decorativos, mas como ferramentas poderosas de persuasão e comunicação.

No volume 3, capítulo 7, intitulado “Crônica”, são abordadas as figuras de linguagem II, com uma ênfase na função estilística dessas ferramentas. A definição apresentada, ainda limitada, descreve as figuras de linguagem como “recursos estilísticos da língua portuguesa utilizados pelo falante e pelo autor de textos para ressignificar e dar mais intensidade ao que é

comunicado". Embora essa definição seja um pouco mais ampla do que a apresentada no volume 1, pois menciona o sentido e a comunicação como elementos centrais, ela ainda não aborda com profundidade a riqueza argumentativa dessas figuras.

Nesse capítulo, são abordadas figuras como catacrese, metonímia, antonomásia, perífrase, pleonasmo, sinestesia, antítese, elipse, zeugma, anáfora, paradoxo e gradação. O formato segue o mesmo do volume 1: uma definição de cada figura seguida de exemplos extraídos majoritariamente de grandes clássicos literários, distantes da realidade dos estudantes. A única figura que se aproxima mais do contexto cotidiano dos alunos é a metonímia, que é exemplificada com ditados populares, propagandas e outras expressões comuns no cotidiano, mas sem uma exploração mais profunda que permita aos alunos refletir sobre como utilizar essa figura de maneira eficaz em suas próprias argumentações.

Novamente, as figuras são tratadas de forma superficial em apenas sete páginas, sem uma exploração detalhada de suas funções argumentativas. A sequência exaustiva de questões propostas também carece de dinamicidade, não estimulando a prática da argumentação, a oralidade ou outros métodos de ensino que favoreçam uma aprendizagem mais interativa. Isso exige do professor uma busca por recursos complementares para tornar a aula mais envolvente e alinhada às necessidades pedagógicas do momento. Em instituições privadas, em especial, o livro didático costuma ser o principal guia para o conteúdo e o planejamento do professor, o que torna ainda mais relevante a necessidade de que ele seja mais dinâmico e favoreça o desenvolvimento de habilidades argumentativas e comunicativas no aluno.

Quadro 2: Análise da abordagem das figuras retóricas nos volumes 1 e 3 (capítulos 3 e 7) do livro didático *Bernoulli*

Capítulo e Volume	Tópico	Figuras de Linguagem Abordadas	Definição Apresentada	Exemplos	Observações
Volume 1 - Capítulo 3: Poesia e Poema	Figuras de Linguagem I	Personificação, Comparação, Metáfora, Aliteração, Assonância, Onomatopeia, Paronomásia, Hipérbole, Eufemismo	"Recursos expressivos usados para dar mais beleza, ênfase ou significado ao texto"	Exemplos retirados de textos literários clássicos, principalmente e poesias, e algumas tirinhas	Definição limitada, sem referência ao caráter argumentativo das figuras. Uso excessivo de textos literários e falta de contextualização com a

					realidade dos alunos. Atividades tradicionais, sem foco em oralidade e argumentação.
Volume 3 - Capítulo 7: Crônica	Figuras de Linguagem II	Catacrese, Metonímia, Antonomásia, Perífrase, Pleonasma, Sinestesia, Antítese, Elipse, Zeugma, Anáfora, Paradoxo, Gradação	"Recursos estilísticos da língua portuguesa utilizados para ressignificar e dar mais intensidade ao que é comunicado"	Exemplos literários clássicos e, na metonímia, ditados populares, propagandas, e expressões cotidianas	Definição mais ampla, porém sem aprofundamento nas aplicações práticas das figuras de linguagem. A metonímia é contextualizada, mas sem exploração mais profunda. A estrutura segue a mesma do volume 1, com atividades tradicionais e falta de interação crítica ou oralidade.

Fonte: Autora com base nos livros didáticos – manual do professor *Bernoulli* (2025)

A análise dos dois capítulos dos volumes do livro didático revela a necessidade de reformulações que tornem o ensino das figuras de linguagem mais dinâmico e conectado ao desenvolvimento da argumentação. No Volume 1, Capítulo 3, intitulado "Poesia e Poema", as figuras de linguagem são tratadas de forma limitada, sem explorar seu potencial argumentativo. Em vez de serem vistas apenas como recursos estilísticos, elas devem ser abordadas como ferramentas essenciais para a construção de um discurso persuasivo, conforme a teoria de Perelman. Dessa forma, atividades que estimulem os alunos a refletir sobre o impacto das figuras de linguagem na persuasão, como debates e a criação de textos argumentativos (como anúncios publicitários ou cartas de reivindicação), poderiam aproximar o conteúdo da realidade dos estudantes, tornando-o mais aplicável ao seu cotidiano. Além disso, a análise de propagandas, músicas e textos jornalísticos permitiria que os alunos percebessem como as figuras são empregadas em diversas formas de comunicação.

No Volume 3, Capítulo 7, que trata das "Figuras de Linguagem II" no contexto das crônicas, também se observa a necessidade de reforçar o caráter argumentativo dessas figuras. Elas devem ser apresentadas como ferramentas para construir argumentos e influenciar a percepção do público. Assim, seria interessante propor debates sobre a eficácia das figuras em persuadir, utilizando exemplos do cotidiano, como campanhas publicitárias ou postagens em redes sociais, ajudaria a integrar as figuras ao contexto atual dos alunos. A produção de crônicas ou textos argumentativos sobre temas de interesse também fortaleceria as habilidades argumentativas, além de proporcionar uma compreensão mais prática e crítica do uso das figuras.

Para tornar o ensino mais interativo e alinhado com a realidade dos estudantes, as atividades devem ir além da definição e exemplificação, incluindo práticas como a análise de discursos reais e situações comunicativas cotidianas. Isso não só aprimoraria as competências argumentativas dos alunos, mas também os prepararia para atuar de maneira mais crítica e consciente no discurso social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a análise dos dois volumes do livro didático utilizado nas turmas do 8º ano de Língua Portuguesa revelou que embora o conteúdo proposto acerca das figuras retóricas seja relevante, a estrutura do livro frequentemente reduz essas figuras a meros recursos estilísticos, sem destacar adequadamente seu papel central na construção de um discurso argumentativo. A falta de exemplos mais próximos da realidade dos alunos e a prevalência de uma abordagem tradicional nas atividades comprometem o engajamento dos estudantes e o desenvolvimento efetivo das suas habilidades argumentativas.

A integração da teoria de Perelman sobre persuasão e argumentação poderia aprimorar a abordagem do ensino das figuras de linguagem, tornando-o mais alinhado às práticas pedagógicas contemporâneas. Estas práticas enfatizam a interação e a reflexão crítica, além de promoverem o desenvolvimento de habilidades argumentativas no contexto real. A mescla entre a perspectiva clássica aristotélica, que introduz as figuras de linguagem, com a abordagem mais dinâmica e prática de Perelman, poderia proporcionar uma base sólida para o aprendizado, tornando-o mais significativo e aplicável ao cotidiano dos alunos.

Sugere-se que o material didático seja reformulado para incluir atividades mais práticas, como debates, produções textuais e análises de discursos, que permitam aos estudantes utilizar as figuras de linguagem em contextos de comunicação reais. Essa mudança contribuiria para um aprendizado mais eficaz, alinhado às necessidades do aluno, além de promover uma maior conectividade com sua realidade. A redefinição do papel das figuras de linguagem, passando de simples adornos para ferramentas essenciais de argumentação, é fundamental para a formação de estudantes mais críticos, capazes de participar de forma ativa nas discussões sociais e de desenvolver suas habilidades argumentativas de forma mais completa.

O livro de 2024, tal como estruturado, não se alinhava completamente à metodologia sociointeracionista adotada pela escola, que prioriza a construção coletiva do conhecimento e a interação dos alunos no processo de aprendizagem. Essa desconexão entre o conteúdo e a proposta pedagógica da instituição reforça a necessidade de repensar a abordagem dos materiais didáticos, considerando que, em muitas escolas, especialmente nas públicas, os desafios são ainda maiores.

A reformulação do livro prevista para 2025, com o objetivo de integrar melhor a realidade dos alunos, substituir as atividades exaustivas por questões discursivas e reflexivas, e focar na qualidade do conteúdo em detrimento do volume, por si só já representa e fomenta uma resposta importante às limitações identificadas na análise. A expectativa é que essa atualização torne o material didático mais eficaz, adaptando-o às necessidades dos estudantes e contribuindo significativamente para o desenvolvimento das competências argumentativas e críticas essenciais para sua formação integral.

Em última instância, acredita-se que este estudo possa servir como um guia para educadores, gestores e profissionais da educação, com o intuito de aprimorar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa e promover um aprendizado mais relevante e alinhado às exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), assegurando uma educação que favoreça o pensamento crítico e a participação ativa dos alunos na sociedade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

BERNOULLI SISTEMA DE ENSINO. *Coleção Bernoulli: Língua Portuguesa*. Débora Couto, Ilmar Maria, Regina Figueiredo, Veridiane Guimarães Carvalho (autores). Vol. 1, Belo



Horizonte, _____, 2024.
_____. ***Coleção Bernoulli: Língua Portuguesa***. Débora Couto, Ilmar Maria, Regina Figueiredo, Veridiane Guimarães Carvalho (autores). Vol. 3, Belo Horizonte, 2024.

DUCROT, Oswald. ***O Dizer e o Dito***. Campinas: Pontes, 1987.

OLIVEIRA, Ramon Rebouças Nolasco de; SOUZA, Danielle Freitas de. *Uma nova retórica de Chaïm Perelman*. ***Trilhas Filosóficas***, v. 37-45, 2020. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RTF/article/view/1916>. Acesso em: 10 fev. 2025.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. ***Tratado da Argumentação: A Nova Retórica***. São Paulo: Martins Fontes, 2005.